



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO EM PSICOLOGIA

MATHEUS DA COSTA SILVA

REDES SOCIAIS, SOLIDÃO E PSICANÁLISE: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

MACEIÓ/AL

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

REDES SOCIAIS, SOLIDÃO E PSICANÁLISE: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel no curso de Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Susane Vasconcelos Zanotti

MACEIÓ/AL

2021

À Giuliana, Marla e à minha própria solidão, companheira de todas as horas...

A solidão é fera, a solidão devora
É amiga das horas, prima-irmã do tempo
E faz nossos relógios caminharem lentos
Causando um descompasso no meu coração...

SOLIDÃO, de Alceu Valença

RESUMO

Considerada por muitos o mal do século XXI: a solidão assombra jovens, adultos e idosos, estejam eles sempre acompanhados de várias pessoas ou vivendo sozinhos. No entanto, a popularização de aparelhos eletrônicos como *smartphones, tablets e notebooks*, assim como a multiplicação das redes sociais e de suas funções, tem cada vez mais atraído a atenção daqueles que procuram na socialização digital um meio de diminuir esse sentimento. No entanto, o afastamento da realidade (mundo externo e sociedade) e a busca incessante pelo reconhecimento do outro na internet e nos meios digitais podem decepcionar aqueles que pretendem eliminar a solidão de suas vidas. Este artigo tem o objetivo, através de uma revisão bibliográfica de trabalhos com o aporte teórico da psicanálise (Freud-Lacan), de investigar se o uso de redes sociais pode, ao contrário, aumentar o sentimento de solidão de seus usuários. A análise dos artigos indica que as redes sociais possuem um potencial tanto de alívio quanto de aumento do sentimento de angústia e solidão. Ao se expor nas redes, muitas pessoas tentam amenizar seu desamparo estrutural a partir da aprovação do olhar do outro, que as fazem revisitar seu narcisismo infantil. Porém, a competitividade pela atenção e desejo do outro motivado pelo discurso capitalista das redes faz com que o sujeito se aliene do próprio desejo em troca de um entretenimento que tem como principal objetivo fazer dele um consumidor voraz e insatisfeito. Conclui-se que o uso das redes sociais detém uma característica ambígua: ao mesmo tempo que o sujeito encontra nelas refúgio e alívio para o sofrimento que o mundo externo e a sociedade o impõem, o seu uso também o causa angústia e, conseqüentemente, solidão, por não conseguir tamponar seu desamparo estrutural e nem superar a falta inerente ao desejo.

Palavras-chaves:

solidão; desamparo; redes sociais; psicanálise; pós-modernidade

ABSTRACT

Called by many the evil of the 21st century: Loneliness haunts young people, adults, and the elderly, whether they are always accompanied by several people or live alone. However, the proliferation of electronic devices such as smartphones, tablets, and notebooks, as well as the multiplication of social networks and their functions, has increasingly attracted the attention of those who see in digital socialization a way to reduce this feeling. However, the distancing from reality (the outside world and society) and the incessant search for recognition of the other on the Internet and digital media can disappoint those who want to banish loneliness from their lives. This article aims to investigate, through a bibliographical review of works with the theoretical contribution of psychoanalysis (Freud-Lacan), whether the use of social networks can, on the contrary, increase the sense of loneliness of their users. The analysis of the articles shows that social networks have the potential to both alleviate and increase the feeling of anxiety and loneliness. When exposed to on the networks, many people attempt to alleviate their structural helplessness by acknowledging the stares of the others, which causes them to revert to their childhood narcissism. However, the competition for the attention and desire of others motivated by the capitalist discourse of the networks, leads to the alienation of the subject from his desire, in exchange for entertainment whose main objective is to make him a voracious and dissatisfied consumer. It follows that the use of social networks has an ambivalent quality: While the subject finds in them refuge and relief from the sufferings imposed on him by the outside world and society, their use also causes anxiety and, consequently, loneliness, as he is unable to buffer his structural helplessness or overcome the inherent lack of desire.

Keywords: loneliness; helplessness; social networks; psychoanalysis; post modernity

Introdução

Possuir pelo menos uma rede social virtual é quase que obrigatório para podermos nos comunicar atualmente, não só com amigos e familiares, mas também com nosso ambiente de trabalho e educacional. Viver sem estar cadastrado em um desses meios hoje seria como se isolar em uma ilha (CASTELLS, 2003).

A informação passou a ser disseminada a uma velocidade nunca antes presenciada na humanidade. Por isso, não há mais lugares dos quais não se tenha notícia, nem mesmo lugares onde a notícia não chegue. Os computadores, *smartphones* e a internet transformaram o mundo em uma grande aldeia interconectada. A produção de informação passou a ser altamente estimulada para ser vendida como um produto barato. E o que antes era monopólio de grandes empresas de TV e rádio passou a ser capilarizado na sociedade (LÉVY, 2001).

Em um mundo repleto de estímulos e novidades a solidão voluntária acabou perdendo espaço na vida das pessoas, senti-la passou a ser sinônimo de estar doente, depressivo (DUNKER, 2018). O discurso patologizante de áreas do conhecimento como a medicina e a psicologia positiva também influenciou nesse estigma (HAN, 2021). A solidão, de modo geral, tornou-se um monstro invisível e foi considerada mais perigosa que o tabagismo (GARATTONI; LACERDA; LA CRUZ, 2018). Todavia, o uso demasiado e a exposição diária de si mesmo nas redes sociais fizeram a sociedade acender um alerta sobre a fragilidade dos laços sociais e afetivos nesses meios de comunicação, além de também haver um questionamento sobre sua influência no aumento do sentimento de solidão (dessa vez, não voluntário) e até mesmo no desenvolvimento de transtornos mentais (BAUMAN, 2011). No Reino Unido, por exemplo, foi criado, em 2018, um ministério para tratar de uma “epidemia de solidão” que atinge mais de 9 milhões de pessoas no país. A primeira ministra, Theresa May, denominou o fenômeno de “a triste realidade da vida moderna” (WELLE, 2018).

No entanto, diferente da solidão voluntária, necessária para o sujeito refletir sobre seus questionamentos e desejos e até mesmo para não fazer nada e aproveitar os momentos tediosos, essa outra face da solidão é nociva, pois gera no sujeito um sentimento de não pertencimento, de desconexão com outros ao seu redor (BAUMAN, 2011). Logo surgiu o debate: de um lado, os defensores do uso das redes sociais para criar vínculos, do outro, os que prescrevem o abandono delas para obtenção de saúde mental (KARNAL, 2018).

É importante ter cuidado ao discorrer sobre essa temática para não cair em armadilhas ideológicas, saudosistas e anacrônicas que ou demonizam a internet e as tecnologias digitais e as classificam como uma espécie de caixa de pandora responsável por despejar no mundo todas as desgraças existentes ou a transformam em uma panaceia, na qual toda crítica é assimilada como uma dificuldade de aceitar as novidades da era digital. Os avanços e melhorias para a vida humana alcançados graças a essa tecnologia são inúmeros, porém, não podemos deixar de apontar, quando necessário, as consequências negativas de seu uso para a saúde mental humana.

O artigo pretende, portanto, a partir de uma revisão bibliográfica de artigos científicos com o aporte teórico psicanalítico de Freud e Lacan, contribuir com a reflexão a respeito do sentimento de solidão e sua relação com a cibercultura, mais especificamente, se há alguma relação entre o uso de redes sociais e o aumento do sentimento de solidão de seus usuários. A pesquisa bibliográfica, segundo Gil (1999), é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

Apesar da solidão não ser um conceito psicanalítico, há nas obras de Freud e Lacan conceitos que não só se aproximam do tema, como também tratam dele de maneira profunda, como, por exemplo, o conceito de desamparo, em Freud, e o do grande Outro e o da linguagem, em Lacan (HASKY, 2020).

Para isso, foi realizada uma busca nas bases de dados Scielo, BVS, Google acadêmico e Pepsic, entre os anos 2017 e 2021, com os seguintes descritores: internet, desamparo; internet, solidão; redes sociais, solidão, psicanálise; redes sociais, desamparo, psicanálise; solidão, redes sociais. Buscou-se com essa delimitação temporal encontrar trabalhos mais atuais, posto que as tecnologias digitais estão em constante avanço e a pesquisa correria o risco de contemplar redes sociais que se tornaram obsoletas, como o Orkut, rede social que fez muito sucesso no Brasil, mas foi desativada em 2014 (LOUBAK, 2019). Os artigos selecionados tinham que possuir os descritores solidão ou desamparo no título ou no resumo. Foram pesquisados apenas artigos publicados em língua portuguesa e no Brasil com o intuito de demarcar e saber a atual situação da pesquisa desse tema no país.

Resultados

O levantamento realizado demonstrou que há poucas produções a respeito desse tema tão importante, no campo psicanalítico, tendo sido encontrados apenas três artigos que se

destinaram a esse estudo: dependência da internet: sinal de solidão e inadequação social? (MANNO; ROSA, 2018); *instagram*, narcisismo e desamparo: um olhar psicanalítico sobre a exposição da autoimagem no mundo virtual (CARVALHO; MAGALHÃES; SAMICO, 2019); uma análise do eu em tempos de virtualidade e isolamento: reflexões psicanalíticas (ALVES, LAZZARINI, 2020).

Para melhor compreensão, decidi dividir em três subitens a discussão da temática do artigo, o primeiro: 1) Felicidade: direito inalienável ou realização inalcançável?, foi construído com o intuito de fazer uma correlação entre o mundo e as relações digitais pós-modernas e os conceitos de Freud e Lacan que podem discorrer sobre a solidão. A pós-modernidade é marcada pelo imperativo da felicidade e uma angústia generalizada diante da dor (física e psíquica). A solidão, seja ela voluntária ou não, acarreta ao sujeito pós-moderno um sentimento de desconforto que o faz rejeita-la ao seu mínimo sinal de aparecimento, o que muitas vezes desemboca na medicalização desnecessária e no aumento da angústia, já que ao anular sua própria história e subjetividade o sujeito define apenas o corpo como detentor de todas as suas mazelas (HAN, 2021). Ao recorrer a Freud e a seus conceitos de felicidade e desamparo e a Lacan com seus conceitos de linguagem e grande outro, demonstro a incompatibilidade do anseio pós-moderno de felicidade como sentimento de completude.

O segundo subitem: 2) Narcisismo: uma defesa frente ao desamparo na pós-modernidade, provém da interpretação freudiana de Manno e Rosa (2018), Carvalho, Magalhães e Samico (2019) e Alves e Lazzarini (2020) a respeito do modo como os sujeitos lidam com a solidão e a angústia a partir das redes sociais, no qual, aponto, a partir da pesquisa desses autores, que o narcisismo é a principal via de alívio ao desamparo.

Já o terceiro subitem: 3) A onipresença do imaginário e a recusa do simbólico nas redes, reúne a interpretação lacaniana de Manno e Rosa (2018) e Carvalho, Magalhães e Samico (2019) sobre os conteúdos encontrados nas redes sociais (imagens, textos e vídeos) e a sua relação com o desejo do sujeito. Boa parte desses conteúdos induzem o sujeito a viver no registro do imaginário, ou seja, do igual, daquilo que não causa desconforto e nem contradição, alienando, assim, o seu desejo e o impelindo cada vez mais a angústia e a solidão de se perder na busca do desejo do outro.

Vejamos, a partir da revisão bibliográfica, de que forma a psicanálise contribui com a discussão acerca da relação entre solidão e redes sociais.

Felicidade: direito inalienável ou realização inalcançável?

Em *Sociedade Paliativa – A dor hoje* (2021), Byung-Chul Han faz uma reflexão sobre como as sociedades pós-modernas transformaram a felicidade em um produto sob medida que deve ser consumido de modo rápido e contínuo, tal qual um *fast food*. Han (2021) explica que diferente da sociedade disciplinar (século XX), na qual a dor fazia parte do sistema de coação inerente às instituições de controle dos indivíduos (asilos, quartéis, escolas etc.) na sociedade do desempenho (século XXI) a dor não exerce mais função, seja nas instituições ou no anatômico (corpo), dessa forma, com o auxílio da medicina farmacológica e da psicologia positiva, sofrer se tornou uma imoralidade, e o não sofrer, um direito. A felicidade deixou de ser uma possibilidade e ganhou o *status* de sentimento obrigatório e ininterrupto junto com uma falsa ideia de liberdade autoproclamada, na qual o sucesso do indivíduo depende apenas dele mesmo, sendo que ele é tão controlado pelo sistema quanto no século passado.

A evolução tecnológica da *internet* e dos *smartphones* possibilitou uma verdadeira revolução digital, tendo como uma das principais inovações o surgimento das redes sociais. O *like*, ferramenta que foi implementada na maioria dessas redes com o objetivo de demonstrar apreço por uma imagem, texto ou vídeo, teve um impacto tão profundo na vida dos usuários que em pouco tempo extrapolou os limites das telas e se tornou um símbolo cultural. Ele funciona como um analgésico de curta duração que diminui a dor, mas não a cura. E como todo medicamento de uso contínuo, por mais que se aumente a dose, um dia ele deixa de funcionar como esperado (HAN, 2021).

A busca desesperada por *likes* logo se tornou mais uma alternativa de apaziguar as dores causadas pela solidão e o alto poder de alcance das redes sociais potencializou ainda mais essa demanda. Em *44 cartas do mundo líquido moderno* (2011), Zygmunt Bauman cita a publicação de uma matéria do jornal *Chronicle of Higher Education*, no qual dizia que uma adolescente enviou três mil mensagens de texto em um único mês, o que daria em média uma mensagem enviada a cada dez minutos. Bauman (2011) se questiona sobre a quantidade de tempo que a garota passou sozinha consigo mesma, com seus pensamentos, sonhos e desejos e em como a onipresença do outro oferecida pelas redes sociais pode ser prejudicial para o cultivo de uma solidão saudável.

No entanto, a tentativa de se escapar da solidão através das redes sociais tem se mostrado insuficiente e, frequentemente, esse suposto antídoto tem se tornado veneno, fazendo com que aqueles que o bebam se sintam ainda mais solitários (VERAS, 2019). A psicanálise, com seu

enorme arcabouço teórico e prático sobre a cultura e a clínica pode lançar luz sobre esse tema sem precisar recorrer a teorias generalistas e estritamente biologizantes da subjetividade do sujeito pós-moderno e, com isso, tentar oferecer-lhe um alento e uma diminuição do seu sofrimento.

Mesmo não tendo presenciado o nascimento da internet e da cibercultura, Sigmund Freud (1856-1939) previu, através de seus estudos e hipóteses, o grande mal-estar que estaríamos fadados a enfrentar por conta do inevitável processo de sermos inseridos na cultura. Em *O futuro de uma ilusão* (1927/2020), Freud conceitua a cultura como tudo aquilo que os seres humanos conseguiram sobrepor acima de suas características animais e a dividiu em dois lados.

Em um deles, a cultura representa o esforço e a habilidade que fizeram com que os seres humanos pudessem dominar a natureza e extrair dela os bens necessários para sua sobrevivência. Já no outro, todos os dispositivos necessários para regular as relações humanas e também os dispositivos de distribuição de bens acessíveis. Porém, para Freud (1927/2020) cada sujeito é inimigo da cultura, pois, para adequar seu comportamento ao bem comum é preciso renunciar às moções hostis e egoístas que os constituem. Esse processo de adequação é sentido pelo sujeito como opressivo, mas, inevitável, já que viver no isolamento é impossível.

Nesse mesmo texto, Freud (1927/2020) definiu o conceito de desamparo basicamente como um sentimento de medo e fraqueza da criança possuidora de uma estrutura psicomotora impotente que, por causa disso, enxerga seus pais (ou cuidadores) tanto de forma deslumbrada quanto temerosa, principalmente a figura do pai, que a castiga e ao mesmo tempo a protege. Essa situação é revivida na fase adulta, porém, não mais com os pais, mas com as forças inexoráveis da natureza e do destino. Estas expõem aos indivíduos suas fraquezas e também os mostra a incapacidade da cultura em protegê-los. Por causa disso, os seres humanos projetam na natureza a figura protetora e punitiva do pai, humanizando-a e criando deuses. O desamparo é, antes de tudo, insuperável e inextinguível, parte da dimensão trágica da vida humana. Um sentimento de abandono e solidão sentido pelo ser humano quando se depara com sua incapacidade de controlar todas as forças que regem sua vida.

Além disso, em *O mal estar na cultura* (1930/2020), um dos seus textos mais famosos, Freud afirma que o propósito da vida dos seres humanos é alcançar a felicidade, que, para ele, novamente se divide em dois lados: o negativo e o positivo. O primeiro, corresponde a ausência

de dor e desprazer, já o segundo, aos sentimentos de intenso prazer. Freud define apenas o segundo como o que mais se aproxima do sentido da palavra felicidade. Tomando como pressuposto o fato de que nosso aparelho psíquico é comandado pelo programa do princípio do prazer, Freud diz que esse programa nos põe em conflito com o mundo inteiro, desde o macro ao microcosmo, pois, o sofrimento nos ameaça a partir de três lados: o próprio corpo, que definha com o passar do tempo, do mundo exterior e suas forças desconhecidas que podem nos destruir e das relações com outros seres humanos, que, para Freud, é o tipo de sofrimento que sentimos de modo mais doloroso. Por conta disso, ele afirma que a felicidade só poderia ser sentida enquanto um fenômeno episódico e descontínuo.

Apesar de ter vivido durante a mesma época de desenvolvimento da internet, Jacques Lacan (1901-1981) não viveu suficiente para vê-la se propagar pelo mundo. No entanto, sua teoria e conceitos podem nos ajudar a refletir sobre o sentimento de solidão, principalmente, sua concepção do homem como alguém que por nascer destinado à linguagem, por não ser governado por um saber instintivo, por ter necessidade de recorrer às palavras para comunicar o que deseja, vive o mal entendido do significante (LACAN, 1964/1985).

O lugar no qual se coloca para o sujeito a questão da sua existência, de seu sexo e de sua história, esse é lugar se chama o grande Outro. Ele é simbólico, constituído pela linguagem, de onde vêm as determinações simbólicas da história do sujeito. É também um lugar de significantes, onde as cadeias significantes do sujeito se articulam determinando seu pensamento, fala, sentir e agir. (QUINET, 2012).

Quinet (2012) a partir dos pressupostos da teoria lacaniana, explica que durante sua vida o sujeito procura um Outro em que possa se ancorar, um Outro para ser seu amor e segurança. Porém, o Outro falta por estrutura, e o sujeito só encontra alguns poucos substitutos ao longo da vida, e ainda assim jamais a completude, porque o Outro é incompleto e inconsistente. Ao se confrontar com a falta do Outro, é o desamparo que pode advir, conforme disse Freud.

Há uma impossibilidade estrutural no sujeito, tanto para Freud quanto para Lacan, que o impede de atingir a completude, seja por conta de sua entrada na cultura e da sua relação com o Outro, seja pela sua vocação à linguagem. No entanto, isso não significa que os seres humanos estejam destinados à solidão profunda e eterna, mas sim que a felicidade, diferente de como é definida e buscada na pós modernidade, não pode ser atingida apenas através do consumo de produtos e tampouco possui um prazo de validade infinito. A seguir, os artigos selecionados pela revisão bibliográfica serão apresentados.

Narcisismo: a defesa frente ao desamparo na pós-modernidade

Alves e Lazzarini (2020) se utilizaram dos conceitos freudianos do narcisismo e do desamparo para fazer uma reflexão sobre como a subjetividade do sujeito pós-moderno tem sido influenciada pelo uso da internet e das redes sociais. A partir de vinhetas clínicas eles explanaram como a situação de isolamento provocada pela pandemia do novo coronavírus, no ano de 2020, intensificou o sentimento de desamparo e ao mesmo tempo exigiu dos sujeitos uma maior solicitação e até dependência do olhar e da aprovação do outro, já que nesse período a maior parte da população se viu obrigada a recorrer aos meios digitais para se comunicar com pessoas próximas e também desconhecidas, fazendo com que, dessa forma, as fantasias narcísicas fossem revisitadas como modo de defesa frente ao medo e a solidão.

Os autores explicam que Freud conceituou o narcisismo em sua obra *Introdução ao narcisismo* (1914/2010) como um destino possível da libido. Para ele, o narcisismo é dividido em dois tempos, no primeiro, há um investimento autoerótico da criança a partir de seu olhar direcionado para partes específicas de seu corpo. Depois, a criança consegue reconhecer no corpo do outro as partes que foram observadas no seu próprio corpo, o que a faz criar uma imagem de si a partir do outro. O segundo tempo do narcisismo se refere ao amor objetal, a libido que antes fora destinada para si encontra no outro uma possibilidade de investimento, isso permite que a criança consiga estabelecer uma diferenciação entre seu eu e o mundo externo e comece a estabelecer as fronteiras do seu próprio eu.

Em *O Eu e o Id* (1905/2016) - outra obra citada pelos autores - o pai da psicanálise afirma que o eu também é corporal e destaca a participação das sensações primordiais, como por exemplo, a dor, na formação de uma ideia inicial do que seria o corpo, podendo provocar percepções internas e externas, ao mesmo tempo. Nessa obra, Freud ainda enfatiza a noção de olhar e tocar, que para ele são equivalentes. O olhar é derivado do tocar, podendo substituí-lo. Dessa forma, a primeira construção unificada do eu provém da imagem corporal do outro e consigo mesmo. No início da vida do bebê os pais o investem narcisicamente, revisitando as próprias fantasias de suas infâncias. O carinho e cuidado investido na criança faz com que ela ocupe um lugar de privilégio no mundo, pois a partir deles seus pais tentarão protegê-la de todos os infortúnios. É justamente essa declaração de preferência que, segundo Alves e Lazzarini (2020), somadas à imagem corporal, irão desenvolver no indivíduo o eu ideal.

Alves e Lazzarini (2020) caracterizam, a partir de Freud, a instância do eu ideal como “um conjunto de representações do campo de fantasias narcísicas que procuram responder aos investimentos e expectativas dos objetos primários” (ALVEZ; LAZZARINI, p. 5). Os autores também destacam a fantasia de satisfação total da pulsão como característica dessa instância. Se utilizando de Garcia-Roza (2004), eles salientam que o eu ideal não se ausenta no adulto e que há a possibilidade de atividade de um eu ideal que dirige uma posição narcísica frente as demandas do objeto, local onde o olhar do outro funciona como suporte do amor-próprio (ou sentimento de si). Alves e Lazzarini preferem utilizar o termo sentimento de si (*Selbstgefühl*, termo original do alemão) por conta de como é feita a tradução dessa palavra pela Companhia das Letras (FREUD, 1914/2010, p. 45). Eles se referem ao termo como a grandeza do eu e fazem uma ligação deste com o sentimento de onipotência primário. A principal diferença entre a grandeza do eu e o próprio eu seria a de que o primeiro se trata das relações do indivíduo com o outro e sua autoconservação, já o eu, “o princípio de uma unidade, um composto, um conjunto unificado a partir da formação da imagem.” (ALVES; LAZZARINI, 2020, p. 5).

Os autores também estabeleceram uma conexão entre o tocar e olhar possibilitado pelos *smartphones*, por meio do *touchscreen* de suas telas, com uma dinâmica metapsicológica e tecnológica. Essa função do aparelho eletrônico aliado ao *layout* das redes sociais subverte a intimidade das relações físicas reais e põe os usuários ao mesmo tempo em lugar de exibicionismo e voyeurismo.

Outro ponto importante sobre o ciberespaço é comentado por Alves e Lazzarini (2020) a partir de Lemma (2015), a autora acredita que nesse meio digital as pessoas podem exercer controle sobre até os mínimos detalhes que as incomodam, pois tudo está a distância de um clique. Para ela, o virtual não se resume a uma abstração. A autora dá grande importância a interação corporal existente nas redes, por mais que seja mediada pela tecnologia. Ao refletir sobre a interferência das atividades *on-line* na vida *offline* e na construção da identidade do sujeito ela cita como exemplo jogos onde há a possibilidade da criação de um avatar, e adverte: as grandes diferenças entre a imagem corporal *offline* e o avatar do jogo podem fazer com que os indivíduos os prefiram e se fixem nessa criação *on-line*, havendo uma dominância psíquica do virtual sobre o não-virtual e ainda podendo ocasionar um estado no qual o sentimento de si é percebido como aprimorado. Lemma (2015) salienta que essa experiência induz a um estado narcísico de completa onipotência, no qual o princípio de realidade é inibido. Nessa situação, o sentimento de si é exaltado e municia o eu com um alargamento de satisfação das fantasias de atendimento aos ideais narcísicos.

Para fazer a ligação entre desamparo e narcisismo, Alves e Lazzarini (2020) penetraram no universo da clínica psicanalítica, porém, uma clínica peculiar, feita no que talvez possa ser considerado o período mais conturbado da história da humanidade no século XXI: a pandemia do novo coronavírus.

No entanto, os autores identificaram a correlação desses dois conceitos como sendo uma característica do mundo pós-moderno e não algo novo trazido pela pandemia. Eles citam Lazzarini e Viana para explicar que “o sujeito de hoje encontra um destino de retorno a si mesmo como uma marca da constituição narcísica, fruto da simbiose com o objeto primordial.” (VIANA; LAZZARINI, 2010, p.10). Com isso, eles afirmam que é muito comum o aparecimento de sujeitos na clínica que se queixam bastante de um mal estar difuso, traduzido, na maioria das vezes, em um sentimento de vazio. Então novamente eles recorrem à Lazzarini e Viana para dizer que “esses casos se referem a uma constituição narcísica relativa à eleição de objeto com suporte na imagem do próprio eu, o qual é convertido em seu ideal.” (VIANA; LAZZARINI, 2010, p.10). É a partir dessa lógica que os indivíduos em nossa sociedade têm sido impulsionados a buscar a perfeição em praticamente todos os âmbitos de suas vidas.

A pandemia exigiu que muitas pessoas ficassem isoladas em suas casas, o que retirou dos lares seu contorno de aconchego, já que, sem poder sair de casa, as atividades laborais ocuparam à força os cômodos daqueles a quem o trabalho *on-line* se tornou uma realidade:

Do incômodo de uma analisante que diz estar angustiada por estar trabalhando em casa por condições da quarentena, manifesta-se uma queixa quanto a ausência de validação do outro acerca das produções da sua atividade laboral. No uso da ferramenta de e-mail, busca constantemente evidenciar sua produtividade à chefia e, dessa forma, se protege do risco que o ócio oferece por estar no conforto de sua casa, preservando, fantasiosamente, a imagem de uma profissional competente (ALVES; LAZZARINI, 2020, p. 11).

E quando não é o trabalho que invade os cômodos pela tela do *smartphone*, o entretenimento se encarrega de manter ocupado pelo maior tempo possível os horários do dia, fornecendo ao entretido a percepção de estar preenchendo suas horas com algo produtivo, esse é o caso da segunda vinheta clínica:

Outro analisante encontra no entretenimento a garantia de manutenção da produtividade, buscando ficar a maior parte do seu tempo ocupado com sua atividade favorita. Dançando em frente ao celular, acompanha e interage com profissionais e professores de dança em diferentes países que transmitem aulas ao vivo a partir das redes sociais. Este considera fundamental manter sua rotina preenchida com atividades que estimulem o aprendizado e interação social constantes (ALVES, LAZZARINI, 2020, p. 11-12).

Alves e Lazzarini (2020) explicaram que a realidade a qual foram expostos esses sujeitos durante a pandemia os fizeram experimentar o sentimento de desamparo que é estrutural a todos, porém, de modo mais intenso e doloroso, pois o isolamento social aliado à falta de informação e o perigo iminente de ser contaminado, por mais que tivessem companhia em casa, potencializaram seus sentimentos de medo e solidão.

Para concluir, Alves e Lazzarini (2020) entenderam a superexposição e o constante desejo de ser olhado (e olhar), de ser curtido (e curtir), e de ser aprovado pelo outro nas redes sociais durante o período pandêmico como um retorno as fantasias narcísicas infantis, nas quais tanto o autoerotismo quanto o cuidado recebido dos pais representam não apenas uma possibilidade de prazer e completude, mas também uma defesa contra a solidão e o medo causado pelo desamparo de ter de enfrentar a pior crise sanitária do século. Os autores consideraram essa experiência digital como uma linha tênue situada entre um caminho de novas possibilidades a serem exploradas pelo sujeito e uma recusa da realidade responsável por gerar mal-estar. Pois, ainda segundo eles, por mais importante que seja existir dispositivos que aliviem a dor em momentos de extrema angústia, enfrentar a própria solidão possibilita ao sujeito maior autonomia sobre si e até mesmo sentimentos prazerosos ao descobrir que não necessita da onipresença do outro para existir.

Carvalho, Magalhães e Samico (2019), entendem que há nas redes sociais uma relação muito forte entre o olhar e ser olhado, o que para elas, explica o motivo da grande demanda do conteúdo imagético no ciberespaço. As autoras utilizaram o *Instagram* como objeto de pesquisa para observar essas constatações, pois essa rede social foi escolhida por focar mais objetivamente a estética corporal e funcionar como uma espécie de vitrine para a vida cotidiana de seus usuários, que buscam nas postagens de imagens (principalmente as de si mesmos) uma aprovação do olhar do outro.

O aplicativo se utiliza do *like* como ferramenta que simboliza a aprovação do outro sobre o conteúdo postado, o que faz com que seus usuários o persigam de todas as maneiras possíveis. Se utilizando de Dornelles (2004), as autoras explicam que a internet dá oportunidade às pessoas de explorarem diferentes contornos de suas personalidades que não encontram expressão na vida cotidiana social. Assim, a criação de uma imagem que se ajuste e agrade ao outro se torna possível, mesmo que ela não seja verdadeira.

Carvalho, Magalhães e Samico (2019) fazem uma reconstituição histórica e relembram que era muito comum, antes da era pós-moderna, que um filho seguisse a carreira profissional

do pai, ou que a família escolhesse com quem a filha deveria se casar, assim como o poder da igreja e do estado em ditar regras e estabelecer comportamentos era bem forte e determinante na vida dos indivíduos. Por mais que essas instituições simbólicas agissem de modo coercitivo, tanto no sentido de tentar conservar as tradições culturais através da repressão das pulsões quanto em exercer seu poder controlador com fins de dominação das pessoas, para as autoras, elas obtinham êxito em subjetiva-las, preencher suas vidas com um sentido e uma direção.

Porém, isso foi perdido na pós-modernidade, se por um lado os indivíduos se tornaram mais livres para exercerem seus desejos, por outro, a liberdade de escolha, aliada com o enfraquecimento das instituições, os deixaram desamparados e com a tarefa solitária de escolher sozinhos por quais caminhos seguir. As autoras compreendem que as redes sociais, principalmente o *Instagram*, possibilita aos seus usuários, através de um retorno ao narcisismo propiciado pelo exibicionismo e pela tentativa de se fazer objeto de desejo do outro, um sentimento de alívio em relação ao seu desamparo, já que agora o olhar e a aceitação do outro os protegem do caos da indefinição e os direciona para um caminho. No entanto, Carvalho, Magalhães e Samico (2019), apoiadas na teoria Freudiana, afirmam que por ser o desamparo uma condição estrutural do sujeito o seu tamponamento total não é possível. Isso faz com que, ao postar suas fotos no *Instagram* com o objetivo de se tornar agradável e desejável ao olhar do outro, o sujeito retroalmente um ciclo de tentativas de se alcançar a plenitude, no qual ele próprio se perde na fluidez de suas relações e sensações efêmeras.

Manno e Rosa (2018) abordam em seu trabalho o mundo virtual como um lugar onde os desejos já estão prontos para o consumo, eles não precisam ser criados. Isso favorece a um comportamento do sujeito pela preferência persistente nas redes em detrimento do mundo real. Os autores afirmam que quanto mais esse sujeito não conseguir corresponder as exigências sociais de relacionamento com o outro, mais ele tende a ser tímido e introspectivo, o que o faz enxergar nas redes sociais um meio de ultrapassar essa barreira de sua condição subjetiva.

A partir do conceito de narcisismo, Manno e Rosa (2018) constatam que o sujeito procura de várias maneiras ser admirado e amado nas redes sociais para recuperar sua autoestima abalada através de suas relações com o mundo real. Os autores explicam que o narcisista possui, antes de tudo, uma insegurança com seus próprios limites e que em determinados momentos fica em dúvida entre reconstruir o mundo a partir de sua própria imagem ou em se fundir com ele em uma entusiasmada união.

Dessa forma, para Manno e Rosa (2018), ao receber as gratificações das redes, como as curtidas e o aumento do número de seguidores, além de ficar cada vez mais dependente desse estímulo prazeroso, o sujeito acredita que o seu sentimento de solidão foi preenchido e superado.

A onipresença do imaginário e a recusa do simbólico nas redes

Carvalho, Magalhães e Samico (2019) explicam que o prazer concedido pelo *like* não satisfaz o sujeito porque o desejo é faltoso por excelência. As autoras se utilizam de Debord (1977) para dizer que por conta da superestimulação dos sentidos das redes, repleta de dados, informações e imagens, o sujeito se aliena do próprio desejo. Para melhor explicar esse acontecimento, elas também se utilizam da tese lacaniana que diz que “o desejo do homem é o desejo do Outro” (LACAN, 1962/2005, p. 32).

O outro com “o” minúsculo seria um outro imaginário, uma alteridade em espelho que nos possibilita criar uma imagem de nós mesmos enquanto humanos. Já o Outro, não é o idêntico, o um, e sim um princípio de alteridade radical. As autoras citaram Garcia-Roza para complementar essa tese. Roza (1984) diz que há códigos que são pré-existentes a nossa subjetividade, eles a transcendem e podem ser tidas como diferentes tipos de alteridades as quais entramos em contato quando somos inseridos no mundo. Ainda se utilizando de Garcia-Roza, elas explicaram mais detalhadamente o motivo pelo qual o sujeito não se sente em completude após receber do outro a aprovação que ele tanto buscou através dos conteúdos imagéticos postados. Para o autor:

A estrutura do desejo implica essencialmente essa inacessibilidade do objeto e é precisamente isso que o torna indestrutível. O desejo se realiza nos objetos, mas o que os objetos assinalam é sempre uma falta. (GARCIA-ROZA, 1984, p. 144)

A essa afirmação, as autoras juntaram com uma ideia de Freud, de seu ensaio *Pulsões e suas vicissitudes* (1915/1996), no qual o olhar nos é apresentando como uma percepção, uma atividade dirigida a um objeto o ou a si mesmo, já que esta é autoerótica inicialmente. Carvalho, Magalhães e Samico (2019) acreditam que existe algum tipo de conectividade entre os que observam e são observados no *Instagram*, pois quem olha também acaba sendo olhado por outros, criando assim um ciclo de exibicionismo-voyerismo que não se esgota, por conta da falta assinalada pelos objetos.

Para Manno e Rosa (2018), para conseguir ser inserido no campo que Lacan (1964/1985) chamou de o grande Outro, que também pode ser entendido como a cultura, o abandono de parte das tendências pulsionais é fundamental e essa atitude gera um conflito entre indivíduo e pulsão. Os autores recorrem a Napoli (2014) para explicar que somos efeitos da incidência da linguagem sobre os nossos corpos e que durante nossas vidas buscamos alcançar um gozo pleno. E por mais que ele não exista, a fantasia do neurótico o faz supor que irá encontra-lo.

Manno e Rosa (2018) explicam que na civilização descrita por Freud, o desconforto é causado pela impossibilidade do sujeito de ser inserido na cultura e continuar sendo regido pela primazia do princípio do prazer. A substituição pelo princípio de realidade através da coerção externa da cultura gera um mal-estar. Assim, as formações neuróticas se formam como retorno de reprimido, que seria por definição aquilo que é incompatível com o programa da civilização, sob a forma de desejo. Sem a presença da lei essas formações não existiriam, o que faz com que o desejo seja reconhecido como da ordem do simbólico, uma vez que necessita do Outro, assim como o inconsciente, os lapsos, os sintomas e a linguagem.

O sujeito descontente com o mundo real encontra na internet e nas redes sociais uma possibilidade de tentativa de gozo pleno. Porém, sua interação não é com o grande Outro, que representa uma alteridade, e sim com o outro, uma relação calcada no imaginário que o permite um distanciamento da relação e “o gozo solitário, em um mecanismo de glorificação do Outro e da relação com o Outro, um dos modelos de expressão da internet.” (MANNO; ROSA, 2018, p. 5). Desse jeito, sua relação com o próprio desejo acontece sem risco, ao contrário das relações do mundo real.

Manno e Rosa (2018), a partir de Lacan (1974) refletem que muito dificilmente os aparelhos eletrônicos que se multiplicam cada vez mais na pós-modernidade não seriam objetos de consumo massivos, pois a maior parte dos sujeitos sentem a necessidade de consumir produtos que os mantenham parcialmente satisfeitos e que de alguma forma afaste a insatisfação que os funda.

Os autores recorrem a Birman (2006) para explicar o porquê da compulsão pelo uso da internet e das redes sociais. Birman (2006) diz que um dos motivos é que a linguagem do ciberespaço é permeada por muitas imagens e textos de fácil compreensão e que em nossa sociedade há um excesso de pulsão que dificulta o sujeito contemporâneo de lidar com o nível simbólico, isso o afasta daquilo que o traga a sensação de um mal-estar. Manno e Rosa (2018) também se utilizam de Certeau (1994) para explicar a relação da contemporaneidade com as

imagens. O autor afirma que o mundo contemporâneo nos induz a viver no registro do imaginário, uma vez que milhares delas invadem nossas telas de celular e, conseqüentemente, nossos olhos, capturam nossa atenção e nos seduzem, mas não nos levam a pensar ou refletir, já que nelas o desejo vem pronto para consumo.

Ainda enfatizando a prevalência do imaginário nas redes, Manno e Rosa (2018) disseram que o sujeito pós-moderno pode encontrar nelas qualquer coisa que eles desejem se identificar, porém, com a condição de que elas sejam idênticas a quem os procurou, isso se dá por via de uma identificação imaginária e idealizadora. Assim, denunciam eles, nascem sites e grupos extremistas, pró-violência, pró-anorexia, entre outros.

Conclusão

A análise dos artigos expôs as diversas facetas da internet e das redes sociais na vida dos sujeitos pós-modernos, dentre elas, a principal pode ser definida como um refúgio para um espaço no qual o princípio do prazer é muito superior ao princípio da realidade. A coerção cultural que tenta adaptar os sujeitos às leis da sociedade não segue a mesma lógica no *ciberespaço*, neste os sujeitos se veem livres para exercer e explorar aspectos de suas vidas que eles acham que podem ser melhorados (ou simplesmente deturpados) a partir de um ideal de eu que busca a onipotência e a completude (ALVES, LAZZARINI, 2020).

A *cibercultura*, na pós-modernidade, é guiada principalmente por um viés mercadológico que ao mesmo tempo que induz o sujeito à competitividade pelo olhar e desejo do outro faz com que ele se aliene do próprio desejo em nome de um entretenimento que tem como principal objetivo fazer dele um consumidor voraz e insatisfeito. Não por acaso, a grande maioria dos textos, imagens e vídeos que circulam nas redes sociais induzem os sujeitos a viverem no registro do imaginário, do igual, um lugar comum que foge da alteridade, do conflito (MANNO; ROSA, 2018).

Entretanto, como disse Freud no texto *O mal estar na cultura*: “a vida, tal como nos é imposta, é muito difícil para nós, traz-nos muitas dores, decepções [...] Para suportá-la, não podemos prescindir de medidas paliativas” (FREUD, 1930/2020, p. 318). Como já foi explicado, para Freud, viver em sociedade e ser inserido na cultura causa muito sofrimento ao sujeito e desde o início da história os seres humanos se utilizam de meios para diminuir o sofrimento de ter de lidar com o outro, de envelhecer e aceitar a própria finitude. Esses meios podem ser a religião, as fantasias ou até mesmo substâncias psicoativas (FREUD, 1930/2020).

Porém, na pós-modernidade, com a perda de influência das instituições simbólicas na vida dos sujeitos, as redes sociais se tornaram os meios mais utilizados para dar conta do tamponamento do desamparo e da falta que pressupõe o desejo, principalmente através de um retorno ao narcisismo que, por via da interação e da aprovação do olhar do outro, busca aliviar temporariamente o sofrimento de quem as usa (CARVALHO; MAGALHÃES; SAMICO, 2019).

Pode-se concluir que o uso das redes sociais detém uma característica ambígua. O sujeito se utiliza das redes como refúgio e encontra alívio para o sofrimento que o mundo externo e a sociedade o impõem, mas, o seu uso também o causa angústia e, conseqüentemente, solidão, por não conseguir tamponar seu desamparo estrutural e nem superar a falta inerente ao desejo.

Referências bibliográficas

- ALVES, W. S; LAZZARINI, Eliana Rigotto. **Uma análise do eu em tempos de virtualidade e isolamento: reflexões psicanalíticas**. J. psicanal., São Paulo , v. 53, n. 98, p. 123-139, jun. 2020 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352020000100010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 28 ago. 2021.
- BAUMAN, Z. **44 Cartas do mundo líquido moderno**. São Paulo: Jorge Zahar, 2011.
- BAUMAN, Z. (2001) **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar.
- BIRMAN, J. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização.
- CARVALHO, J.P.S.T; MAGALHÃES, PMLS; SAMICO, FC. **Instagram, narcisismo e desamparo: um olhar psicanalítico sobre a exposição da autoimagem no mundo virtual**. Revista Mosaico - 2019 Jul/Dez.; 10 (2): 87-93.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade** . Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DORNELLES, Jonatas. **Antropologia e Internet: quando o "campo" é a cidade e o computador é a "rede"**. Horiz. antropol., Porto Alegre, v. 10, n. 21, p. 241- 271, June 2004. Disponível em: . Acesso em: 21 Maio 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832004000100011>.
- DUNKER, C. **Reinvenção da intimidade: políticas do sofrimento cotidiano**. [S.l: s.n.], 2018.
- FREUD, S. **As pulsões e suas vicissitudes**, 1915. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (2010b). **Introdução ao narcisismo**. In S. Freud, Obras completas (P. C. de Souza, Trad., 12). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).
- FREUD, S. (2011a). **O eu e o id**. In S. Freud, Obras completas (P. C. de Souza, Trad., Vol. 16). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923).
- FREUD, S. **O Futuro de uma Ilusão** (1927). Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. 17. Tradução e notas Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- FREUD, S. (1996). **O mal-estar na civilização**. In S. Freud. *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1930).

FREUD, S. **O mal estar na cultura e outros escritos**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

GARATTONI, B.; LACERDA, R.; LA CRUZ, F. **A explosão da solidão**. Superinteressante, 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/especiais/a-explosao-da-solidao/> Acesso em: 09/06/2021.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o Inconsciente**. 2. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1984.

Garcia-Roza, L. A. (2004). **Introdução à metapsicologia freudiana**. Jorge Zahar.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999. GOLDENBERG, M. A arte de pesquisar.

HAN, B. **Sociedade paliativa – a dor hoje**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2021.

HASKY, F. **A solidão e o laço com o outro em tempos de conectividade: um estudo psicanalítico**. 2020. Tese de doutorado – Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 25 de setembro de 2020.

KARNAL, L. O dilema do porco-espinho: **como encarar a solidão**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2018.

LACAN, J. **Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1974.

LÉVY, P. (2000). **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34.

LOUBAK, A.L. **O Orkut era lançado há 15 anos: relembre curiosidades e polêmicas da rede**. Techtudo, 2019. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2019/01/orkut-era-lancado-ha-15-anos-relembre-curiosidades-e-polemicas-da-rede.ghtml>. Acesso em: 25/08/2021.

MANNO, M.V.M; ROSA, C.M. **Depência de internet: sinal de solidão e inadequação social ?** Polêm!ca, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 119-132, abril, maio e junho 2018.

NÁPOLI, L. **O que é o grande Outro lacaniano?** Lucas Nápoli – Psicanálise em Humanes. 2014. Disponível em: . Acesso em: 27. Ago 2021

O Seminário, Livro 11: **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

Sibilia, P. (2008). **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Nova Fronteira. Silva, D. Q. da. (2013). A pesquisa em psicanálise: o método de construção do caso psicanalítico. Estudos de Psicanálise, 39, 37–45

VERAS, M. **A solidão dos hiperconectados**. Revista Cult, 2019. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/a-solidao-dos-hiperconectados/> Acesso em: 17/07/2021

Welle, D. **Reino unido cria ministério da solidão**. UOL, 2018. Disponível em:
<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2018/01/17/reino-unido-cria-ministerio-da-solidao.htm> Acesso em : 07/09/2021